

ONDE CANTA O SABIÁ?

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

O cearense experimentou de tudo. Comida típica de todas as regiões do Brasil e de outros países. Mas, nos 24 anos de Brasília, nenhum prato conseguiu ser melhor do que a carne de sol e o feijão verde que ele se acostumou a comer nos tempos de menino. Quase todo domingo, lá está ele no mesmo restaurante. O gaúcho também não esquece o chimarrão. Há 17 anos pede às irmãs, que ficaram no Sul, para mandar a erva-mate pelo correio. E o dono da mercearia em madeirite escreve todo mês para a mãe analfabeta, que ficou em Palmeiras do Piauí. Uma rotina de dez anos.

Telefone, cartas, e-mails e encomendas. De um jeito ou de outro, o brasiliense arranja uma forma de matar a saudade da cidade onde viveu a infância e onde ficaram os parentes. Brasiliense que nada. A maior parte dos 2 milhões de habitantes do Distrito Federal não nasceu aqui. Cerca de 56% são migrantes que vieram principalmente de Minas Gerais (10,86%), Goiás (7,68%), Piauí (6,14%) e Bahia (5,58%), segundo pesquisa domiciliar de 1997 da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Gente que veio de fora e trouxe de lá os seus costumes, os seus gostos. Uma miscigenação que faz do Distrito Federal uma região ainda sem tradição cultu-

ral. "Brasília apresenta um multiculturalismo nacional", diz o sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes, 52, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). "Não temos um bairro de italianos ou de japoneses, como em São Paulo, mas todas as culturas regionais do Brasil se reproduzem aqui."

Não é só a comilança que faz falta àqueles 56%. A saudade dos parentes que estão longe se mata com letras desarranjadas, de um português de quem aprendeu pouco. "Na carta, a gente pode falar tudo que tem vontade. Um segredo...", explica a baiana Silvina Eva da Silva, 21. A mãe, três irmãos e os dois filhos pequenos — de cinco e dois

anos — moram em um vilarejo perto da cidade baiana de Carirana, 24 horas de ônibus de Brasília. Silvina saiu de casa atrás do emprego que o cunhado arranhou: num bar de madeirite no Varjão.

Duas vezes por mês, a baiana escreve para a mãe Eva de Jesus, 39, que nem sabe ler. É Lucy, a filha de 14 anos da dona-de-casa, quem lê a carta de Silvina. Lucy também escreve, mandando notícias. A última carta, em folha de caderno, chegou dia 16 de janeiro. "Escrevi esta carta de baixo do pé de mamão", revela e, depois, faz o pedido para a irmã que mora na cidade grande: um caderno de 12 matérias, capa dura, de Sandy e Júnior.

Se a rapadura é a paixão do nordestino, o gaúcho não vive sem o chimarrão. Que o diga o agricultor Wanderley Zimmermann, 46, que há 17 anos veio para o cerrado do Planalto Central plantar tomates e mexericas. Habitou-se à nova vida, mas não abre mão da herança da terra. Três vezes por dia, a cuia passa pelas suas mãos. O danado é achar a erva. As duas marcas de que ele mais gosta não são vendidas nas casas especializadas de Brasília.

A encomenda geralmente vem pelo correio, embalada em caixas de papelão. Dez quilos não dão mais que para um mês de consumo. "Não vou deixar de ser gaúcho nunca, porque sempre vou

tomar meu chimarrão. Assim como o mineiro não larga o cafezinho, não largo o meu chimarrão", diz Zimmermann. "É a nossa tradição de manter a família unida. Aprendi com meu pai e já ensinei o meu neto de quatro anos a brincar com a cuia."

REDUTOS E COLÔNIAS

Em um estudo recente sobre o espaço social de Brasília, Brasilmar Ferreira Nunes aponta certa tendência dos migrantes em se agrupar em "colônias". O Lago Sul, por exemplo, é reduto de mineiros: 15% da população. Na Ceilândia, 63% dos moradores são nordestinos. Os goianos estão mais concentrados em Brazlândia (16%) e Planaltina (12%).

Coincidência ou não, o sociólogo acredita que as famílias se juntaram em colônias no processo de migração intensa. As famílias estabelecidas acabavam abrigando os parentes que chegavam.

A formação dessas colônias acaba influenciando o comportamento social da região, segundo o sociólogo. "A implantação de Brasília não foi suficiente para desestruturar situações arcaicas como aquelas do sertão nordestino."

LEIA MAIS

Sobre o assunto
na página 2

Ricardo Borba



Wanderley veio do Sul há 17 anos e recebe a erva do chimarrão pelo correio. Diz que a tradição é para manter a família unida e ele já ensinou o neto a brincar com a cuia